

ORIENTAÇÕES DE ESTUDOS DE HISTÓRIA

3

1^a
SÉRIE



Ensino Médio

Secretaria de
Educação



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO



/SeeducRJ



/seeducrj



/seeducurio

Secretaria de
Educação



**GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO**

**Governo do Estado do Rio de Janeiro
Secretaria de Estado de Educação**

Comte Bittencourt
Secretário de Estado de Educação

Andrea Marinho de Souza Franco
Subsecretária de Gestão de Ensino

Elizângela Lima
Superintendente Pedagógica

Maria Claudia Chantre
Coordenadoria de Áreas de Conhecimento

Lidia de Sousa Silva
Coordenadoria de Ensino de Jovens e Adultos

Assistentes

Cátia Batista Raimundo

Carla Lopes

Gizely Xavier da Silva

Izabel Cristina Antunes da Trindade

Roberto Farias

Texto e conteúdo

Prof.^a Carla Machado Lopes

C.E. Rodrigo Otávio Filho (Brasil-Itália)

Prof. Enoque Cristian Ribeiro

C.E. Jornalista Rodolfo Fernandes

Prof. Guilherme José Motta Faria

C.E. Hispano Brasileiro João Cabral de Melo Neto

Prof. Leonardo Jorge Azevedo Ramos

C.E Professor José Accioli

Prof.^a Márcia Teixeira Pinto

C.E. Professora Luiza Marinho

Capa

Luciano Cunha

Revisão de texto

Prof^a Alexandra de Sant Anna Amancio Pereira

Prof^a Andreia Cristina Jacurú Belletti

Prof^a Andreza Amorim de Oliveira Pacheco.

Prof^a Cristiane Póvoa Lessa

Prof^a Deolinda da Paz Gadelha

Prof^a Elizabete Costa Malheiros

Prof^a Ester Nunes da Silva Dutra

Prof^a Isabel Cristina Alves de Castro Guidão

Prof José Luiz Barbosa

Prof^a Karla Menezes Lopes Niels

Prof^a Kassia Fernandes da Cunha

Prof^a Leila Regina Medeiros Bartolini Silva

Prof^a Lidice Magna Itapeassú Borges

Prof^a Luize de Menezes Fernandes

Prof Mário Matias de Andrade Júnior

Paulo Roberto Ferrari Freitas

Prof^a Rosani Santos Rosa

Prof^a Saionara Teles De Menezes Alves

Prof Sammy Cardozo Dias

Prof Thiago Serpa Gomes da Rocha

Esse documento é uma curadoria de materiais que estão disponíveis na internet, somados à experiência autoral dos professores, sob a intenção de sistematizar conteúdos na forma de uma orientação de estudos.

Secretaria de
Educação



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

Sumário:

1. Introdução	03
2. Aula 1 – Expansão marítima	03
3. Aula 2 – Grandes navegadores	04
4. Aula 3 – Diversidade política e cultural da África	08
5. Aula 4 – Escravidão negra	10
6. Aula 5 – Atividades	13
7. Resumo	18
8. Considerações finais	18
9. Referências bibliográficas	19

Secretaria de
Educação



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

COMPONENTE CURRICULAR: História.

ORIENTAÇÕES DE ESTUDOS para História

3º Bimestre de 2020 - 1ª Ano

META:

Analisar a chamada Expansão Marítima, processo que resultou na ocupação e dominação, pelos europeus, de territórios e povos fora da Europa, mais especificamente na África e na América, esta última totalmente desconhecida por eles até o século XV. Em seguida falaremos mais especificamente da África e da escravidão no mundo antigo; tentaremos compreender os interesses políticos e econômicos dos europeus na África e na América, mas também as especificidades dos povos que habitavam as localidades antes da dominação europeia.

OBJETIVOS:

Ao final destas Orientações de Estudos, você deverá ser capaz de:

- 1 - Caracterizar o processo de Expansão Marítima;
- 2 - Compreender a diversidade política e cultural da África;
- 3 - Compreender o conceito de escravidão no mundo antigo.



1. Introdução

O estudo da História é fundamental para entendermos nosso lugar no mundo. Nosso lugar como agente transformador da nossa sociedade. Quando conhecemos a História, somos capazes de entender melhor nosso presente e projetarmos nosso futuro. Os acontecimentos históricos estão entrelaçados e repercutem uns nos outros. Não há um fato isolado na História.

Iniciaremos nossos estudos com a Expansão Marítima, processo que resultou na ocupação e dominação, pelos europeus, de territórios e povos fora da Europa, mais especificamente na África e na América, esta última totalmente desconhecida por eles até o século XV, em seguida falaremos mais especificamente sobre esses lugares e povos, começando pela África e tentaremos compreender os interesses políticos e econômicos dos europeus na África com o chamado comércio triangular de escravos.

2. Aula 1- Expansão marítima

Os governantes e mercadores da Europa Ocidental queriam explorar o oceano Atlântico por razões econômicas. As especiarias que não podiam ser produzidas na Europa por causa do clima, como canela, cravo, gengibre, noz moscada e pimenta, eram valorizadas não só pelo seu sabor, mas também por seu uso na preservação dos alimentos. Também havia interesse em bens de luxo, como seda e pedras preciosas, mercadorias que vinham, principalmente, de ilhas da Indonésia, como as Molucas, conhecidas na Europa como as ilhas das Especiarias.

Trazer essas mercadorias pela Ásia por terra era perigoso devido a guerras locais e custava caro, pois durante a jornada os bens teriam de passar pela mão de diversos mercadores mais especificamente das cidades italianas de Gênova e Veneza – que controlavam o Mar Mediterrâneo – compravam dos árabes e distribuíam para o restante da Europa.

Assim, havia o interesse dos europeus na busca por uma nova maneira de alcançar o Oriente sem precisar passar pelo Mar Mediterrâneo, dominado pelos italianos. Essa necessidade aumentou, quando em 1453, a cidade de Constantinopla foi tomada pelos turcos-otomanos que passam a controlar a circulação de navios pelo Mar Mediterrâneo, praticamente inviabilizando o comércio por este mar.

3. Aula 2 – Grandes navegadores

Nos séculos XIV e XV, espanhóis, portugueses, ingleses e holandeses desenvolveram barcos e treinaram marinheiros para fazer longas jornadas. Os exploradores usavam vários tipos de embarcações, sendo as caravelas as de maior sucesso, pois eram rápidas, leves e fáceis de navegar, normalmente eram equipadas com velas quadradas e retangulares que tornavam possível navegar contra o vento. Podemos destacar quatro navegadores desse período:

Bartolomeu Dias (1450-1500)

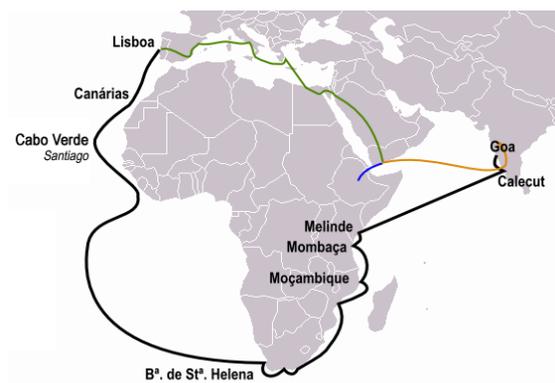
Em 1487, o português Bartolomeu Dias conseguiu contornar a África e dobrou o antigo “Cabo das Tormentas”, rebatizado de “Cabo da Boa Esperança”. Ele chega, assim, ao Oceano Índico, a partir do Oceano Atlântico.



Fonte: <https://www.todamateria.com.br/bartolomeu-dias/>

Vasco da Gama (1469-1524)

Em 1497, a coroa portuguesa lança ao mar uma frota comandada por Vasco da Gama. Cerca de um ano depois, ele volta a Portugal com uma verdadeira fortuna em especiarias nos navios.

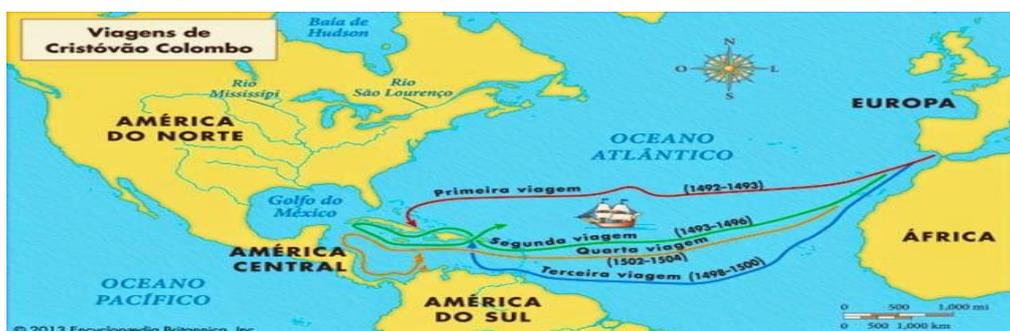


Fonte:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Descoberta_do_caminho_mar%C3%ADtimo_para_a_%C3%8Dndia

Cristovão Colombo (1451 – 1506)

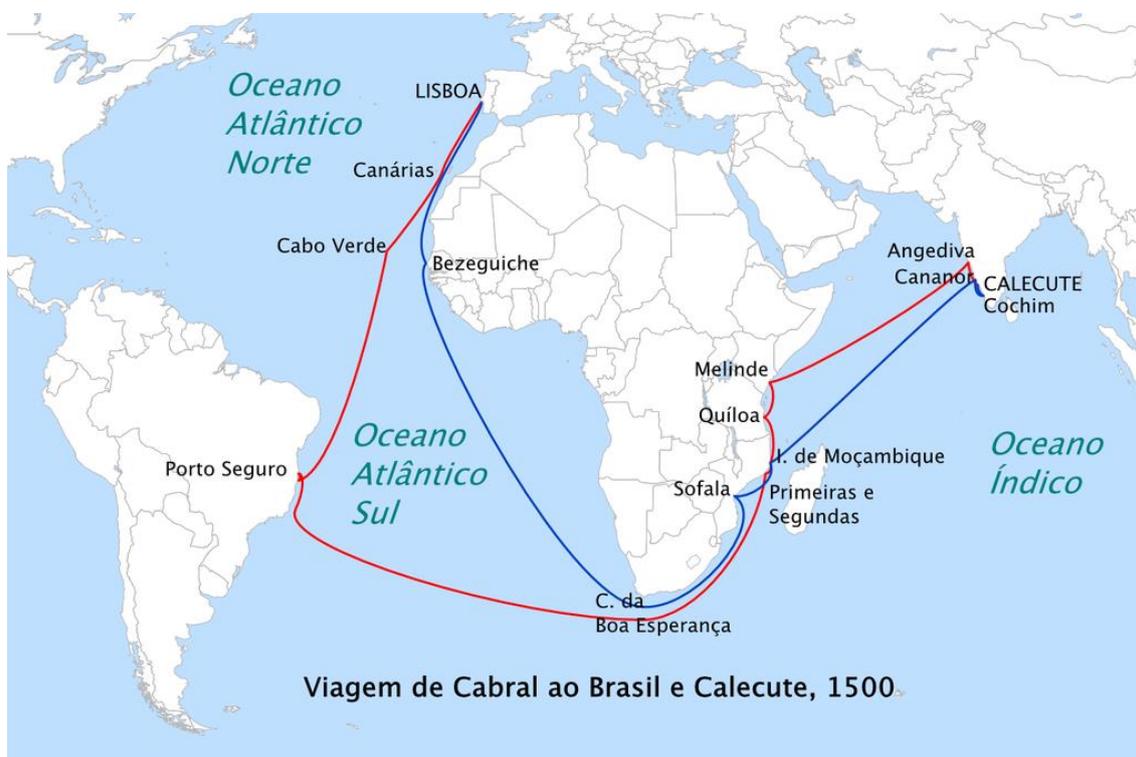
Apesar de italiano, Cristovão Colombo conseguiu que a Espanha financiasse sua arriscada viagem. Acreditando que a Terra é redonda, Colombo decidiu dar a volta ao mundo e chegar no Oriente pelo Oceano Pacífico. O que ele não contava era com a existência de terras desconhecidas no meio do caminho – a América. Na verdade, quando chegou nessas terras, em 1492, ele acreditava que havia ancorado na Índia e, por isso, chamou os habitantes de Índios.



Fonte: <https://nationalgeographic.pt/historia/grandes-reportagens/1589-cristovao-colombo-o-navegador>

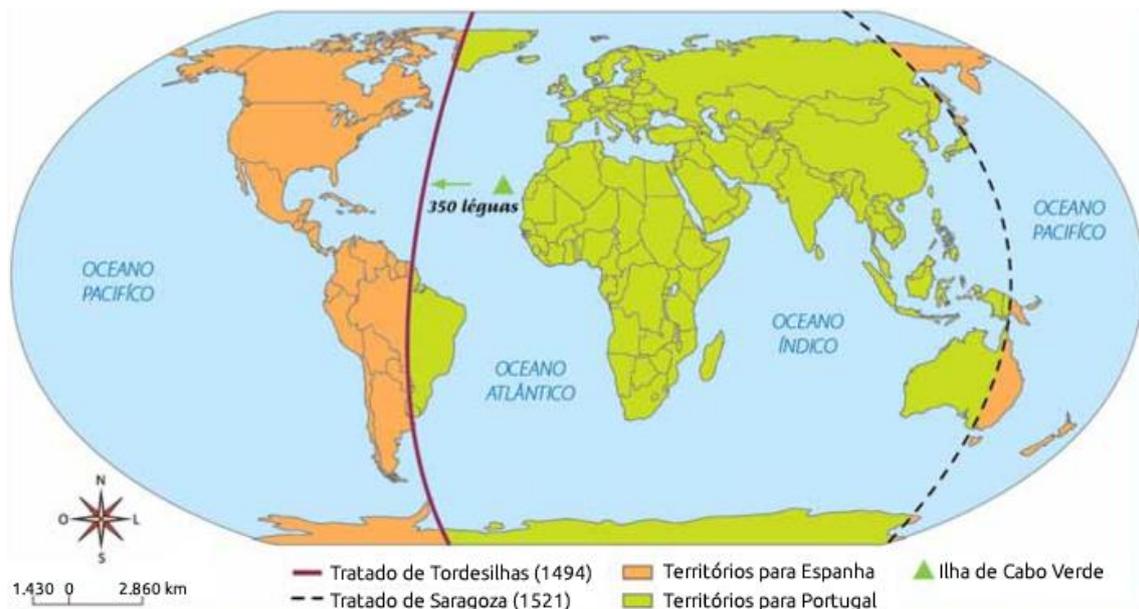
Pedro Alvares Cabral (1457- 1520)

Em março de 1500, o navegador português sai de Portugal e em abril do mesmo ano chega ao território que foi, posteriormente, chamado de Brasil. Durante muito tempo, cogitou-se a hipótese de ele ter chegado ali “sem querer”, pois sua intenção era atingir a Índia, mas hoje em dia, os historiadores acreditam que a “descoberta” do Brasil foi intencional e que o Rei português, D. Manoel I, encarregou-o de verificar as terras portuguesas alcançadas com o Tratado de Tordesilhas.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_%C3%81lvares_Cabral

Após a descoberta, para os europeus, de novas terras a oeste da Europa, Portugal e Espanha firmam um tratado dividindo o mundo entre os dois países. Assim, o TRATADO DE TORDESILHAS, traça uma linha imaginária a cerca de 370 léguas a oeste de Cabo Verde. As terras descobertas a oriente dessa linha seriam portuguesas e as terras a ocidente espanholas.



A expansão marítima está inserida no conjunto de transformações políticas, econômicas e sociais, que caracterizaram a Modernidade. A partir dela, acirrou-se o contato entre europeus e povos antes desconhecidos por eles, como alguns povos da África e todos os povos da América. Esse contato vai marcar profundamente a história de todos eles. No entanto, é importante ressaltar que para os povos que foram dominados pelos europeus, a história que se segue não é de glória e nem de riqueza.

Ao contrário, para indígenas e africanos, a história que se segue – e assim continua até hoje em muitos lugares – é de massacre, tristeza, mas também de resistência e luta.

Em se tratando de culturas tradicionais, muito se preservou e se difundiu pelo continente africano, especialmente devido aos fluxos migratórios pela África.

Isso permitiu a preservação e a combinação de vários aspectos culturais entre os povos do continente. Vale ressaltar também que boa parte destas culturas são baseadas em tradições orais, o que não significa ausência de escrita.

Os povos africanos podem ser nômades e vagarem pelo deserto ou se fixarem em território para construir grandes impérios.

Também podem ser formados por pequenas tribos ou grandes reinos, em que o chefe político e o sumo sacerdote podem ser a mesma pessoa.

Seja governado por clãs de linhagem ou por classes sociais específicas, estes povos irão constituir grandes patrimônios materiais e imateriais presentes até os dias de hoje.

A cultura africana é vasta e diversificada, dotada de uma enorme riqueza imaterial, fator que se explica tanto pela diversidade de etnias presentes na África quanto pela influência de povos do Oriente Médio e europeus, que tiveram contato com os africanos ao longo da história. A combinação dos fatores migratórios, da colonização europeia e da diversidade étnica no interior do continente fez com que a África seja atualmente um continente em que se fala vários idiomas e cultua-se várias religiões e que se caracteriza por ser pluricultural.



As máscaras são elementos da cultura africana que unem as artes plásticas e a religiosidade.
Fonte: https://es.123rf.com/photo_32150748_m%C3%A1scaras-africanas-tradicionales-que-cuelgan-para-la-venta-en-un-puesto-del-mercado.html

O continente africano pode ser dividido, geopoliticamente em duas grandes faixas de terra: a África saariana (região norte) e a África subsaariana (região sul). Ambas são regiões de diversidade cultural, mas a porção sul do continente é mais diversificada e contém a maior parte da população.

A região norte, saariana, manteve, ao longo da história, contatos forçados e espontâneos com povos fenícios, turcos, árabes, romanos, gregos e do extremo oriente. Ela é situada numa área árida, logo acima do Deserto do Saara, e é composta por países como Egito, Marrocos, Tunísia, Líbia e Argélia.

Vivem nessa porção de terras cerca de 30% da população do continente e a maioria desses habitantes cultua o islamismo, seguida por uma minoria cristã. As pessoas que lá vivem têm traços fenotípicos peculiares, oriundos da mistura entre povos do Oriente Médio, negros e brancos, sendo que elas não são brancas como os povos naturais da Europa ou negras como os povos naturais da África subsaariana.

A África subsaariana é composta **por povos de várias etnias diferentes** que levavam um modo de vida tribal. Dentre as várias etnias, destacamos os povos Bantos, Nagô e Jeje, trazidos para o Brasil durante o Período Colonial. Era comum a guerra entre as tribos e essas cultuavam diferentes religiões com uma matriz parecida, baseada no **culto aos orixás** — entidades que na mitologia africana têm um contato espiritual com a natureza e representam a ligação e a proteção dos elementos naturais ou dos seres humanos.

Atualmente, há uma grande parcela da população do sul da África que mantém as suas raízes e cultua as religiões tradicionais, mas também há um número expressivo de muçulmanos e cristãos vivendo na região, o que causa **conflitos religiosos** oriundos do preconceito e da intolerância, sobretudo por parte dos cristãos e muçulmanos.

5.Aula 4 – Escravidão negra

Os comerciantes portugueses no final do século XIV foram os primeiros europeus a transportar escravos a partir da África Ocidental. No século XVI,

grandes quantidades de escravos foram levadas para o Brasil, para trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar. O Brasil continuou sendo o maior destino de importação de escravos africanos, até que o comércio foi proibido. As primeiras expedições britânicas em busca de escravos foram nos anos de 1560, em que mercadores compravam escravos capturados por líderes africanos. Durante o século XVII, com o crescimento da colonização inglesa, o mercado para escravos africanos cresceu.

O tráfico de escravo transatlântico rapidamente se tornou parte de uma rede triangular de comércio maior, na qual os barcos levavam escravos da África para as Américas, enchiam seus porões de bens para levar para a Europa e levavam bens manufaturados europeus para serem vendidos na África, fechando a triangulação. Os barcos levavam mercadorias como açúcar, melão e café do Caribe para a Inglaterra; arroz, algodão e tabaco das colônias sulistas da América do Norte; e peles, madeira e rum do nordeste americano. Na rota Inglaterra-África, levavam uma série de itens como roupas, armas, ferro e cerveja. Bens como o marfim e o ouro eram levados diretamente da África para a Europa não como parte do comércio triangular, mas ainda assim impulsionando o sistema.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Com%C3%A9rcio_Triangular

A rede de comércio deu lucros enormes aos donos de plantations nas Américas, aos fabricantes na Inglaterra, bem como aos mercadores que comercializavam escravos e outros bens. Todos lucravam: dos operadores de portos aos líderes da África Ocidental, dos banqueiros que financiavam as

expedições até os operários das fabricas inglesas, cujos empregos dependiam das matérias-primas importadas do exterior.

O número de pessoas escravizadas e vendidas era enorme. Estima-se que quando o tráfico negreiro foi proibido na Inglaterra em 1807, os mercadores britânicos já haviam forçado a escravidão nas Américas um número próximo de 3 milhões de africanos. Um número desconhecido de pessoas nem sequer chegou à América, morrendo no percurso por causa das terríveis condições de transporte nos navios negreiros.

“O grito agudo das mulheres e os grunhidos dos que morriam davam à cena um horror quase inconcebível”. Olaudah Equiano escritor africano e escravo liberto (1789)

Essa transferência involuntária de milhares de africanos para as Américas (mas também para Europa e Ásia, ainda que em número menor), caracterizou o fenômeno que costumamos chamar de **Diáspora Africana**, ou **Diáspora Negra**. Na Diáspora, os africanos reinventaram e transformaram sua identidade, mas buscando manter viva, ainda que transformada, as memórias e a cultura de sua terra natal.

No Brasil, as dificuldades na escravização de indígenas e a necessidade crescente por trabalhadores levaram os senhores de engenho a investir na aquisição de escravizados de origem africana. Isso não significa que o trabalho indígena tenha desaparecido completamente. No entanto, a maior parte das atividades nos engenhos era realizada por africanos escravizados.

Além de participar da produção de açúcar, os escravizados de origem africana trabalhavam como marceneiros, barqueiros, ferreiros e pedreiros. As escravas trabalhavam em diversas atividades domésticas realizadas na casa-grande. Os africanos escravizados habitavam a senzala, que podia ser construída pelo senhor ou pelos próprios cativos. As construções erguidas pelo senhor eram geralmente grandes pavilhões térreos, retangulares, divididos em cubículos destinados a casais ou a indivíduos solteiros. Já as moradias construídas pelos escravizados eram bastante precárias e destinadas a abrigar uma família.

Uma vez por ano, os escravizados recebiam duas camisas e saias ou calças, motivo pelo qual andavam muitas vezes em farrapos. Era frequente haver nas fazendas teares domésticos para a fabricação desses tecidos, tarefa

geralmente executada por escravas. A vida dos escravizados de origem africana caracterizou-se, sobretudo, pela violência. A retirada forçada da terra natal, a longa viagem nos navios negreiros, os trabalhos pesados e insalubres nas lavouras, minas e instalações do engenho, a alimentação precária, os castigos físicos e a desagregação das famílias foram traços marcantes da escravidão africana no Brasil.

6. Aula 5 – Atividades

1 - Entre as consequências da Expansão Marítima, **NÃO** encontramos:

- a) a formação do Sistema Colonial;
- b) o desenvolvimento do eurocentrismo;
- c) a expansão do regime assalariado da Europa para a América
- d) início do processo de acumulação de capitais, impulsionando o modo de produção capitalista;

2 - Dispostos a participar do lucrativo comércio de especiarias, realizado pelos portos do levante mediterrâneo e controlado pelos venezianos, os portugueses buscaram um caminho alternativo. Em 1498, Vasco da Gama conseguiu chegar à Índia:

- a) através dos portos do poente mediterrâneo.
- b) utilizando as antigas rotas terrestres do Meio Oriente.
- c) utilizando o canal do Panamá.
- d) através do Estreito de Magalhães.
- e) circunavegando a África.

3 - Que opção abaixo podemos considerar verdadeira a respeito da África?

- a) A África é o país mais populoso do mundo e uma das principais características desse país é unidade política e cultural.

b) A África é um país de grande diversidade cultural, política e econômica. No entanto, a religião dos orixás é a única professada pelo seu povo.

c) A África é um continente onde percebemos uma grande diversidade em vários níveis: climática, política, cultural.

d) Apesar de ser um continente, percebemos na África uma unidade cultural muito forte, especialmente se levarmos em conta que toda a população africana é negra e vive em tribos separadas por etnia.

4-

"O continente condenado"
"África em chamas"

As manchetes que atualmente são publicadas sobre a África, como as apresentadas acima, expressam o trágico quadro socioeconômico desse continente. Assinale a opção que NÃO inclui um aspecto desse quadro.

a) A baixa expectativa de vida de grande parte da população.

b) O número significativo de africanos contaminados com a AIDS.

c) Os conflitos e guerras tribais envolvendo nações africanas.

d) As guerras civis estimuladas pelas potências imperialistas europeias.

e) O contingente de africanos fora de seus países de origem, em busca de trabalho.

5- Leia o texto abaixo.

Não era cerimônia muito demorada. A cada escravo, quando chegava a sua vez, dizia o padre: seu nome é Pedro, o seu é João, o seu é Francisco, e

assim por diante, dando a cada qual um pedaço de papel com o nome por escrito, e pondo-lhes na língua uma pitada de sal, antes de aspergir com um hissope água benta em toda a multidão. Então, um intérprete negro a eles se dirigia, com essas palavras: “Olhai, sois já filhos de Deus; Estais a caminho de terras espanholas (ou portuguesas), onde ireis aprender as coisas da fé. Esquecei tudo o que se relacione com o lugar de onde vieste, deixai de comer cães, ratos ou cavalos.

Agora podeis ir, e sede felizes.

(Charles Boxer. Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e Angola. Citado em: Jaime Rodrigues. De costa a costa. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.61-2.)

A cena descrita apresenta informações sobre:

- a) o embarque de africanos escravizados para a América, atividade que durou mais de três séculos e fez dos africanos e seus descendentes a principal força de trabalho no Brasil, até o final do século XIX.
- b) o regime de escravidão existente na África subsaariana antes da chegada dos europeus, com o comércio de cativos sendo realizado com as áreas islamizadas ao norte do continente.
- c) as semelhanças existentes entre os africanos escravizados trazidos para a América por mais de três séculos, do ponto de vista social, político, econômico e cultural.
- d) a forma como os africanos escravizados seriam tratados na América, com direito à educação religiosa cristã, assim como à integridade física e à cidadania.

6 - O traumatismo da viagem é tamanho que, mal desembarcavam no Caribe, os “pretos novos” querem fugir. Os colonos, que compreendem isso, tentam amortecer o choque e aclimatam o escravo antes de botá-lo na oficina. Mas o desespero dos negros é tal que eles preferem se mutilar, se estrangular, do que tentar matar seu dono.

(Marc Ferro, História das colonizações – Das conquistas às independências – século XIII a XX, 1996)

O trecho trata:

- a) da alta produtividade do trabalho compulsório.
- b) da rápida adaptação ao trabalho dos escravos africanos.
- c) de mecanismos de resistências à escravidão.
- d) da transição da mão de obra cativa para a livre.
- e) dos pequenos lucros derivados do tráfico negreiro.

7 - Leia o enunciado abaixo:

O comércio marítimo triangular deu uma contribuição enorme ao desenvolvimento industrial da Inglaterra. Seus lucros fertilizaram todo o sistema de produção do país.

WILLIAMS, Eric. Capitalismo e escravidão. São Paulo: Cia. das Letras, 2012. p. 157.

Considere as seguintes afirmações sobre o comércio triangular.

I - O comércio triangular britânico consistia, principalmente, no envio de produtos manufaturados ingleses para a África; de escravos africanos para o Caribe; e de produtos coloniais, especialmente o açúcar, para a Inglaterra.

II - Os lucros obtidos pelo comércio triangular forneceram um dos principais fluxos de acumulação de capital que financiaram a Revolução Industrial inglesa.

III - A utilização de mão-de-obra livre nas plantations produtoras de açúcar garantia altos níveis de lucratividade para seus proprietários.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas III.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas II e III.

e) I, II e III.

8 - (FUVEST) Os indígenas foram também utilizados em determinados momentos, e sobretudo na fase inicial [da colonização do Brasil]; nem se podia colocar problema nenhum de maior ou melhor “aptidão” ao trabalho escravo (...). O que talvez tenha importado é a rarefação demográfica dos aborígenes, e as dificuldades de seu apresamento, transporte, etc. Mas na “preferência” pelo africano revela-se, mais uma vez, a engrenagem do sistema mercantilista de colonização; esta se processa num sistema de relações tendentes a promover a acumulação primitiva de capitais na metrópole; ora, o tráfico negreiro, isto é, o abastecimento das colônias com escravos, abria um novo e importante setor do comércio colonial, enquanto o apresamento dos indígenas era um negócio interno da colônia. Assim, os ganhos comerciais resultantes da escravidão dos aborígenes mantinham-se na colônia, com os colonos empenhados nesse “gênero de vida”; a acumulação gerada no comércio de africanos, entretanto, fluía para a metrópole; realizavam-na os mercadores metropolitanos, engajados no abastecimento dessa “mercadoria”. Esse talvez seja o segredo da melhor “adaptação” do negro à lavoura ... escravista. Paradoxalmente, é a partir do tráfico negreiro que se pode entender a escravidão africana colonial, e não o contrário. (Fernando Novais. **Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial**. São Paulo: Hucitec, 1979. p; 105. Adaptado).

Nesse trecho, o autor afirma que, na América portuguesa:

a) os escravos indígenas eram de mais fácil obtenção do que os de origem africana, e por isso a metrópole optou pelo uso dos primeiros, já que eram mais produtivos e mais rentáveis.

b) os escravos africanos aceitavam melhor o trabalho duro dos canaviais do que os indígenas, o que justificava o empenho de comerciantes metropolitanos em gastar mais para a obtenção, na África, daqueles trabalhadores.

c) o comércio negreiro só pôde prosperar porque alguns mercadores metropolitanos preocupavam-se com as condições de vida dos trabalhadores africanos, enquanto outros os consideravam uma “mercadoria”.

d) a rentabilidade propiciada pelo emprego da mão de obra indígena contribuiu decisivamente para que, a partir de certo momento, também escravos africanos fossem empregados na lavoura, o que resultou em um lucrativo comércio de pessoas.

e) o principal motivo da adoção da mão de obra de origem africana era o fato de que esta precisava ser transportada de outro continente, o que implicava a abertura de um rentável comércio para a metrópole, que se articulava perfeitamente às estruturas do sistema de colonização.

7. Resumo

Caro aluno, nestas Orientações de Estudos – 3º Bimestre de 2020, História – 1ª série, esperamos que você tenha tido, com esse material, a possibilidade de compreender melhor como a expansão marítima europeia alterou os rumos da história e qual foi o impacto disso no continente africano.

Esperamos que você tenha percebido que numa sociedade as ações estão articuladas e interferem umas nas outras. O estudo da História não deve ser estanque e trabalhado de forma desarticulada.

8. Considerações finais

Chegamos ao final de nossa proposta pedagógica. Fazemos um convite a você, aluno, que continue buscando novas formas de ampliar seu conhecimento. Querer aprender é fundamental para o sucesso de sua jornada. Ao longo desse material vários temas podem e devem ser aprofundados por você. Nos tempos atuais, podemos ter acesso a várias ferramentas educacionais. Lance mão delas e continue avançando cada vez mais. Com certeza seu objetivo será atingido. Conte conosco!

9. Referências bibliográficas

CARDOSO, Ciro Flamarion. A América Pré-Colombiana. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CUNHA, Manuela Carneiro da. (org.). História dos Índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura/Fapesp, 1992.

WALDMAN, Maurício e SERRANO, Carlos. Memória D'África: a temática africana em sala de aula. São Paulo: Editora Cortez, 2000.

RAMOS, Fábio Pestana. No Tempo das Especiarias: o império da Pimenta e do Açúcar. Editora Contexto, 2006.

<https://brasilecola.uol.com.br/>

<https://educacao.uol.com.br/>

<https://www.infoescola.com/>

<https://www.educamaisbrasil.com.br/>